

Funcionárias

EU – A primeira coisa é vocês dizerem o nome, o tempo de serviço que já têm, há quantos anos estão aqui (mais ou menos! Não tem que ser exactamente. Uma década, duas décadas...), quantos anos têm, quantos anos têm de serviço, há quantos anos estão aqui, se passaram por outras escolas - também gostava de saber, portanto, se conhecem outras escolas que não esta - e as vossas habilitações, em termos de habilitações académicas. Isto... Para já é isto e depois assim eu vou identificar as vossas vozes para saber quem é que fala quando for no corpo da entrevista.

SF1 – Então eu chamo-me SF1, trabalho aqui mais ou menos há quinze/dezasseis anos, tenho quarenta e oito anos, fiz o quinto ano liceal na escola Atena, liceu Atena, que agora equivale ao nono ano e só trabalhei nesta escola, portanto não conheço mais escola nenhuma, não sei como é que as outras funcionam.

EU – O que é que fez antes de trabalhar aqui?

SF1 – Eu antes de trabalhar aqui fiz umas horas, mas não era a tempo inteiro, trabalhei na EDP (ia aos bancos, entregava cheques, tratava de coisitas assim) e também numa empresa de medicamentos, de propaganda médica (também fazia a mesma coisa, uns de manhã... era meio tempo em cada sítio) e depois concorri para aqui.

EU – Olhe e não quis estudar mais? Mesmo depois de já estar a trabalhar... Nunca pensou nisso?

SF1 – Eu pensar, pensei! Não tinha paciência. Acho que já não me estou a ver a estudar...

EU – Mas é tão nova! Eu sou nova e tenho a sua idade... Tem filhos SF1?

SF1 – Tenho duas filhas. Uma está licenciada em Contabilidade e Auditoria, a outra já anda para acabar Gestão, mas ainda não acabou, faltam-lhe umas disciplinas.

EU – Foram as duas para o mesmo lado...

SF1 – Mais ou menos, sim, foi.

EU – E mora aqui perto?

SF1 – Moro, moro no Bairro do I.

EU – Ok. Então agora, SF2...

SF2 – Eu SF2, tenho quarenta e três anos, trabalho nesta escola há quinze e trabalhei cinco anos na DD.

EU – Foi onde começou a vida profissional?

SF2 – Sim. Estive lá cinco anos a contrato, depois veio um estágio, concursos, tive que vir um ano para a rua porque era obrigatório vir... Estive um ano não, eram seis meses, mas estive um ano até ser chamada para esta escola; fui chamada para esta escola e depois entrei para o quadro – que se chamava quadro, agora já não se chama, agora é uma confusão. Estou aqui há quinze anos e tenho dois filhos...

EU – E mora aqui pertito?

SF2 - Moro aqui em Stª A.

EU – E os filhos já estão grandes?

SF2 – Já, um tem quinze anos e o outro tem dez.

EU – Ah então ainda é pequeno, quer dizer, ainda são os dois... mais jovens, ainda têm um caminho para andar não é?

SF2 – Ainda é muita coisa...

EU – Pois é. E a D. SF3...

SF3 – Eu sou a SF3, tenho cinquenta e sete anos, tenho o segundo ano do liceu, trabalho aqui na Hefesto há dezoito, trabalhei na Escola Primária em Stª A. (umas horas, não era a tempo inteiro, eram só umas horas que eu fazia). Antes disso fui empregada doméstica; quando “saí de estudar” fui aprender costura e depois fui para empregada doméstica.

EU – Então e porque não quis seguir a costura?

SF3 – Eu gosto, mas...

EU – Continua a fazer...

SF3 – Faço umas coisinhas que eu consigo e desejo. Aqui a minha carreira iniciei-a na cozinha mas depois acabou o contrato, concorri a auxiliar e vim a auxiliar aqui. Depois terminou o contrato em auxiliar, voltei para a cozinha – porque nós não podíamos concorrer à mesma categoria senão ao fim de meio ano e era esse o motivo pelo qual eu não...

EU – Então mas quantos anos é que na cantina tem a empresa?...

SF3 – A empresa, salvo erro, há quinze, que eu estou há quinze no ginásio...

EU – Então mas quando veio a empresa, aí teve mesmo que haver a sua requalificação e passou a ser auxiliar...

SF3 – Pois.

EU – Muito bem. Bom, então vou começar por fazer a pergunta mais fácil! Vocês gostam de trabalhar aqui, nesta escola... portanto, já tiveram outras experiências antes (a SF1 em escola não, mas...)... Bom, mas a pergunta simples é esta: se gostam de trabalhar aqui, se se sentem bem ou se mudariam se pudessem. Esqueci-me de perguntar à D. SF3 se mora também aqui na zona.

SF3 – Moro aqui na freguesia de Eiras.

EU – Portanto ficam todas perto do local de trabalho. Então vá lá...

SF1 – Eu posso responder. Eu por mim gosto. Sinto-me bem aqui, arranjei amigos...

EU – A SF1 é chefe do pessoal auxiliar...

SF1 – Sim.

RSI

<p>EU – Há quanto tempo?</p> <p>SF1 – Ai isto dos anos para mim é muito complicado!... Há três anos ou quatro. Mais? Mais, se calhar mais...</p> <p>SF2- A J. morreu há cinco... vai fazer cinco anos...</p> <p>SF3 – Seis</p> <p>SF1 – Seis?</p> <p>SF3 – Vai fazer seis em Janeiro.</p> <p>SF1 – Então há cinco ou seis anos. Eu datas e coiso não é bom para mim.</p> <p>EU – A senhora que estava antes morreu...</p> <p>SF1 – Sim.</p> <p>EU – Ok. Então e diga lá, acha que fez aqui amigos... Estava a dizer que fez aqui amigos...</p> <p>SF1 – Eu julgo que sim, pelo menos tenho-os como isso.</p> <p>EU – Mas sente-se mesmo bem não é? Gosta do trabalho.</p> <p>SF1 – Sim, sim gosto, gosto, gosto, gosto das pessoas... Às vezes chatices há como há em todo o lado, nem sempre estamos bem dispostos, os outros às vezes também não, mas o geral...</p> <p>EU – Não é fácil essa função pois não?</p> <p>SF1 – Pois não, pois não. Ouço de um lado e ouço do outro, não é? E não posso dizer o que é que um disse e o que é que o outro disse. Não posso arranjar atritos com ninguém, não é? Tento fazer da melhor maneira, às vezes nem sempre corre como eu gostava, não consigo às vezes transmitir algumas ordens que eu tenho sem chatear ninguém. Mas é assim mesmo.</p> <p>EU – Já se habituou também...</p> <p>SF1 – Pois e julgo que eles... Acho que a maioria entende, acho eu, a maioria entende isso, que não sou eu... Muitas vezes não sou eu que digo, é o que tem de ser.</p> <p>EU – SF2? ...</p> <p>SF2 – Eu gosto. Não trocava, eu gosto de trabalhar com jovens. Mas não trocava nem para o ciclo nem para a primária. É com este grau de jovens que eu gosto.</p> <p>EU – Gosta dos adolescentes, os maiorezinhos...</p> <p>SF2 – Sim.</p> <p>EU – Porquê?</p> <p>SF2 – Não sei, se calhar foi por eu ter entrado também para o secundário logo de rajada, acho eu... Apanhei o D. Duarte com três mil alunos. Eu tinha vinte anos quando fui para o DD, muitos deles</p>	<p></p> <p></p> <p></p> <p></p> <p></p> <p></p> <p></p> <p></p> <p></p> <p></p> <p>CG</p> <p>CG</p> <p>CG</p> <p></p> <p>RSI</p> <p></p> <p>RSI</p>
---	---

eram mais velhos do que eu, não é? Se calhar foi isso que me fez gostar desta...	
EU – Mas também estive bem no DD então...	
SF2 – Sim, por isso é que estou aqui. Na altura viram o meu currículo e chamaram-me pelo meu currículo que tinha no DD	RSI
EU – Muito bem - jovens. Mas aqui a D. SF3 já estive nos pequenos. E entre os pequenos e os grandes quais é que prefere?	
SF3 – Qualquer um deles, e aprendi demais. Quando terminaram aqui com o sétimo ano - e oitavo - fiquei com muita pena. Agora já os cá temos outra vez, mas fiquei com muita pena porque eu também gosto dos pequenitos embora sejam... é diferente, pronto.	CQ
EU – A maneira de lidar com eles, digamos assim...	
SF3 – A maneira de lidar com eles é diferente. Nós com estes acho que já podemos ter outras maneiras de falar que não podemos ter com as crianças. Já são jovens, já entendem mais, eles aceitam que nós chamemos a atenção e...	CQ
EU – Já é uma conversa mais de adultos...	
SF3 – Da minha parte só tenho bem a dizer e nunca tive problemas com os meninos, até ao décimo segundo ano.	CQ
EU – E gosta de estar cá...	
SF3 – Gosto muito de cá estar.	
EU – No outro dia dizia-me que era a sua casa!...	
SF3 – E é mesmo, é a minha segunda casa – como eu costumo dizer. Para mim é a minha segunda casa e vim para aqui num período muito difícil da minha vida.	CQ
EU – Ai foi? Da sua vida pessoal...	
SF3 – Da minha vida pessoal.	RSI
EU – Se calhar foi por isso, não?	
SF3 – Não sei, talvez.	RSI
EU – Se calhar este lado ajudou a suportar o outro lado.	
SF3 – Toda a gente me acolheu bem, tanto da cozinha como do directivo da altura que estava, já passaram vários directivos por mim e todos eles, graças a Deus, sempre se deram bem comigo.	RSI
EU – Então agora a outra pergunta é em relação... Pronto já estão aqui há bastantes anos, já passaram por vocês muitas coisas, e a pergunta é assim: vocês deram conta de mudanças na escola ao longo destes anos em que cá estiveram, se calhar umas para melhor, outras para pior no vosso entendimento (reparem que isto aqui tudo... o que eu quero saber é a vossa opinião, é o vosso entendimento. Não há opiniões boas e opiniões más. Eu quero saber o que vocês sentem e pensam	

<p>muito sinceramente). E portanto em relação a essas mudanças que vocês notaram, eu gostaria de saber quais, como é que vocês as perceberam, se acharam que foram boas ou não, e se me derem exemplos melhor ainda... A mais velha, a D. SF3 agora - está cá há mais tempo, já falou de vários presidentes que já passaram por si...</p>	CQ
<p>SF3 – Sempre tive boas informações destes, sempre tive muito... Tudo de bom que se passou com eles, foi sempre bom, não tive problemas nenhuns com toda a comunidade escolar. Só o que eu noto é não haver tanto convívio como havia antigamente.</p>	CC
<p>EU – Ai é?</p>	
<p>SF3 – Acho...</p>	
<p>EU – Quando fala de convívio é entre vocês, os funcionários, ou é entre todos?</p>	
<p>SF3 – Os funcionários. E havia... Como é que eu hei-de dizer?... Havia um almoço ou jantar... e juntavam-se... Hoje há um jantar de Natal, de final de ano... Também vêm professores, vêm funcionários, os que querem, ninguém é obrigado. Mas antigamente acho que era diferente!</p>	CC
<p>EU – Havia mais esse convívio, é isso que quer dizer...</p>	
<p>SF3 – Havia, mais no dia-a-dia. Principalmente até com os funcionários.</p>	
<p>EU – Porque é que acha que é assim?</p>	
<p>SF3 – Não sei, não sei, pronto, sei que...</p>	
<p>EU – Será que agora há muito mais trabalho? E as pessoas têm que trabalhar mais depressa?</p>	
<p>SF3 – Trabalho foi sempre. Houve sempre o mesmo trabalho. As pessoas têm que ter responsabilidades e ser responsáveis e dizer “eu hoje vou fazer isto mas amanhã faço aquilo”, e dá o tempo para tudo se a gente quiser. É preciso é que sejam organizados.</p>	CG/ CC
<p>EU – SF2... Concretamente ela não me falou de mudanças, mas vocês agora vão completar. Que mudanças maiores? Esta questão do convívio, não é...</p>	
<p>SF2 – É uma mudança muito grande.</p>	
<p>EU – Ah, e vocês também notam!</p>	
<p>SF2 – Toda a gente nota...</p>	
<p>EU – Ai é?</p>	
<p>SF2 – Mas ninguém modifica... Toda a gente nota que há diferenças e o convívio entre as pessoas, ou pelas pessoas estarem mais cansadas, da idade, ou estarem saturadas umas com as outras, entre aspas, serem as mesmas pessoas ou assim... Não sei, estou eu a imaginar que seja isso. As pessoas... Cada uma está a ir mais para o seu cantinho e a arredar-se mais umas das outras.</p>	CC
<p>SF1 – Eu também acho isso e por causa disso também já tentei fazer alguma coisa, para convivemos mais. Já tenho organizado passeios, excursões... É o que eu noto, e que só fiz uma vez, e todos os anos eu tento pelo menos um orçamento para ir a algum passeio, só consegui fazer uma</p>	CE

<p>vez, porque das outras vezes as pessoas... Uma não quer este dia ou são desculpas ou não sei... Uma não pode, outra não pode, e acaba por não se realizar o passeio que tinha mais ou menos programado.</p>	<p>CC</p>
<p>EU – Não há pessoas suficientes...</p>	
<p>SF1 – Para poder alugar uma camioneta, para ficar mais barato, para fazermos o passeio. Não consigo. Só consegui fazer uma vez. Não consegui porque as pessoas não aderem. Pronto, estão a trabalhar, estão aqui e depois chega à sua hora do serviço e cada um quer ir para a sua casinha e...</p>	<p>CC</p>
<p>EU – Mas vocês também sentem isso, não é? Também vos apetece ir para a vossa casinha, não é?</p>	<p>CC</p>
<p>SF1 – Também, também, mas acho que também faz falta o convívio, convivermos mais.</p>	
<p>SF3 – Em 91 e 92 eu tive quinze dias de férias e a minha chefe da cozinha disse-me se eu - não era obrigada, podia trabalhar nas limpezas e isso tudo, mas se quisesse fazer almoço para o pessoal fazer e eu que estava a vontade. Então a presidente do nosso directivo chamou-me e procurou-me se eu então podia fazer, se estava disponível para isso. E eu disse “oh Sr.ª Dr.ª O que for preciso eu faço, dentro das minhas possibilidades, eu faço”. E ela então disse-me “então vai ficar a D. I. (que era uma senhora da secretaria), que vem todos os dias da baixa, passa pelo mercado, vem um bocadinho mais tarde, com ordem minha, e traz as coisinhas todas e depois no final é pago por todos”. Eu fazia o almoço, tudo comia minha gente aquilo era...Fazia-se aqui uma ???, como se costuma dizer...</p>	<p>CE</p>
<p>EU – Isto no tempo fora de aulas...</p>	
<p>SF3 – Sim, sim, nas férias!</p>	
<p>EU – Nas férias lectivas, claro...</p>	
<p>SF1 – Sim, sim, claro.</p>	
<p>EU – E dava outro ambiente...</p>	
<p>SF1 – É, é..</p>	
<p>EU – Mais união.</p>	
<p>SF1 – Eu julgo que sim. Mas agora que estamos a falar, eu acho que se calhar isto até está a ser geral porque até na própria nossa família, eu estou a falar por mim, parece que cada um só olha por si. Nós vemo-nos... irmãos, sobrinhos....Acho que a nossa vida, não sei porquê, está a mudar, que acho que já nem temos tempo para estar... Eu tenho dois irmãos e por exemplo, estou com eles quando os meus sobrinhos fazem anos ou as minhas filhas, mais nada! Acho que isto deve ser geral, não sei o que é que se passa mas as pessoas andam a mudar muito. Cada um olha para si...</p>	<p>CC/ PR</p>
<p>EU – Mas vocês dão-se bem... Em termos de..</p>	
<p>Todas – Sim sim sim sim...</p>	
<p>SF1 – Não tem nada a ver com dar-mo-nos mal!</p>	

<p>EU – Não há aquela coisa dos partidos...</p> <p>Todas – Não não não...</p>	CQ
<p>SF3 – Religiões e tudo e isso tudo... Felizmente temos aqui pessoas que nem são da nossa, por exemplo da minha religião, dou-me imenso bem com ela, ela dá-se imenso bem comigo!</p>	
<p>EU – Então e quem é que me dava mais exemplos de mudanças? Tirando essa... Mudanças mais concretas, mais palpáveis...</p>	
<p>SF1 – Tivemos o conselho executivo anterior a este que era mais rígido, mais oprimido, uma pessoa andava aí mais... Um bocado a olhar para a sombra para ver se não fazia nada mal e este é mais aberto, mais... Mas em relação... É ao contrário, em convívio os outros eram mais para conviver com a gente em relação a almoços e assim e estes já não. Estes deixam-nos mais à vontade em relação ao trabalho; em relação ao convívio os outros juntavam-se mais a nós do que estes. É uma diferença, pronto, uns pesam mais numa coisa e outros pesam mais na outra, mas se a gente juntar se calhar até faz igual, faz um bom equilíbrio das duas coisas, pronto.</p>	CG
<p>EU – Pronto mas a SF1 há bocado dizia que às vezes é difícil de transpor a ordem, ordens de serviço...</p>	
<p>SF1 – Situação ingrata.</p>	
<p>EU – E o que é que torna isso mais difícil, ou seja, o que é que agrada menos aos funcionários em termos de ordens?</p>	CG
<p>SF1 – É mandar trabalhar! Quando a coisa tem que ser feita, e tem que ser agora, não pode ser amanhã nem pode ser depois!</p>	
<p>EU – Em termos da exigência... Do trabalho...</p>	CG
<p>SF1 – Pois, há, há coisas que tem que ser. Não pode ser amanhã, tem que ser agora! E às vezes estão a fazer outra coisa e agora têm de fazer isto ou aquilo mas não pode ser. Têm de deixar aquilo para fazer o que tem de ser feito agora. E nem toda a gente gosta... Não gosta disso, pronto.</p>	
<p>EU – Em termos de número, vocês consideram que são suficientes, os funcionários da escola?</p>	
<p>SF1 – Ai não!</p>	
<p>EU – Não?</p>	CC
<p>SF1 – Está tudo mesmo à retinha. Quer dizer, se faltar um está tudo estragado.</p>	
<p>SF2 – Se estiver um doente...</p>	
<p>SF1 – Se um ficar doente, por algum motivo, estamos mal.</p>	
<p>EU – A D. SF3 ia dizer...</p>	CG
<p>SF3 – Eu ia dizer isso o mesmo que a SF1. Tem que ser hoje, tem que ser amanhã. A SF1 tem sido até uma chefe porreirinha, não é por estar à frente dela, mas é verdade. E ela tem como costume dizer: “você não se importa?”; “você pode?”. Só quando vêm ordens de lá de dentro e diz “isto tem</p>	

<p>que ser feito” e aí ela tem que falar. “Você não se importa?”, “você pode?” e é isso que faz falta! Porque há uns que têm responsabilidade e... e outros que sim senhor e passam. “Eu não posso, tenho que ir buscar o meu filho” e não pode ser, tenho de estar ao serviço da escola, é esse o motivo.</p> <p>EU – Portanto está-me a dizer duas coisas, se bem entendi. Uma é que a maneira como se pede e como se dão as ordens é importante; a outra que me está a dizer é que há gente que não tem aquela compreensão que devia ter em relação à urgência do serviço.</p> <p>SF3 – Sim, sim!</p> <p>SF1 – Se calhar nessas pessoas devia ser um bocado mais rígida, mas não podia exigir...</p> <p>EU – Mas é difícil gerir uma coisa destas...</p>	CG
<p>SF3 – É, é, é sim senhor.</p> <p>SF1 – É um sítio ingrato, era o que eu lhe estava a dizer. É uma situação ingrata, o “mandar”. Há coisas até que se eu puder fazer, até faço eu.</p> <p>EU – As mudanças... Vocês se se lembrarem de outras coisas, em termos de mudança, se faz favor, portanto, falam nelas. Eu vou avançar para um outro aspecto que é: nas mudanças que se fazem na escola, que se têm dado na escola, elas vêm propostas por quem? Quem é que dá conta, ou seja, quem é que avalia e quem é que dá a ideia para mudar?</p> <p>SF1 – Não sei, as coisas acho que vão acontecendo...vão acontecendo...</p>	CG
<p>EU – Ou seja, há vários olhares e várias vozes que vão vendo... As vossas vozes? Vocês acham que as vossas vozes e as vossas opiniões são ouvidas, são tidas em conta?...</p> <p>SF2 – Eu acho que não. É a minha opinião! Acho que não, acho que nós havíamos de ser mais ouvidos e mais chamados para darmos opiniões de certas coisas que acontecem aqui na escola e que não são...</p> <p>EU – Certas coisas SF2, por exemplo...</p> <p>SF2 – Em relação aos miúdos, em relação a funcionários, em relação a trabalho... E não só.</p> <p>EU – Quando está a falar de trabalho é, por exemplo, a distribuição de serviço? Quem faz o quê?</p> <p>SF2 – Sim. Sim.</p> <p>EU – E ninguém vos pergunta?</p> <p>SF2 – Não.</p>	CP
<p>EU - Mas têm em conta se calhar as vossas competências...</p> <p>SF2 – Não conta, pronto, não é forçado, “vai para ali” forçado e seja ali e mais não sei quê... Não. Mas podia ser mais direccionado para certos sítios que não são.</p> <p>SF1 – Eu nisso não estou muito de acordo, porque o Dr. (presidente) no princípio do ano pergunta</p>	CG CG



<p>sempre se alguém quer mudar, se querem passar para outro lado e normalmente ninguém diz nada e se ninguém diz nada é porque está tudo bem.</p>	
<p>EU – E não há rotatividade no serviço? Vocês fazem a mesma coisa...</p>	
<p>SF1 – Quando pedem.</p>	
<p>EU – Só quando vocês pedem?</p>	
<p>SF1 – Quando alguém pede. Normalmente já há alguns anos para cá têm estado... Cada pessoa, começou naquele lugar e como se adaptaram bem têm estado. Quando há alguém que pede para trocar, tenta-se trocar e faz-se. Como toda a gente está mais ou menos, está a desempenhar bem o que está... Portanto, costuma-se dizer que quando estão a fazer bem deixam-se estar. Acho que é mais por isso, mas acho que nisso ele põe à vontade...</p>	CG
<p>EU- Mas a SF2 não estava só a falar da distribuição de serviço, pois não?</p>	CP
<p>SF2 – São outras coisas também. Nós não somos ouvidos. Não somos ouvidos? Não somos chamados. Temos uma reunião, não é? E a gente fala! Tudo muito bem, é ouvido, ninguém diz para a gente se calar, é preciso ver. Somos ouvidas mas depois não se nota diferença...</p>	
<p>EU – Ouvem mas depois não têm em conta...</p>	
<p>SF2 – É.</p>	
<p>EU – A D. SF3 concorda?</p>	
<p>SF3 – Sim.</p>	
<p>EU – Com qual delas?</p>	
<p>SF3 – Eu não posso dizer nada a esse respeito, eu estou bem, sinto-me bem, estou... Eu acho que nunca ninguém andou atrás de mim, eu faço aquilo que posso e mais do que às vezes aquilo que eu posso. É como eu disse já, eu faço como que isto seja a minha casa, às vezes até mais...</p>	CG
<p>EU – Faz por gosto... E quem faz por gosto não cansa.</p>	
<p>SF3 – Faço por gosto mesmo! E eu, por exemplo, terminam as aulas e eu venho logo cá para fora, para a parte de jardinagem, arranjo o que eu posso, ninguém diz “vá você sozinha” mas eu vou e ando satisfeita e sinto-me bem.</p>	CG
<p>EU – Ninguém lhe diz para ir, mas, quer dizer, vocês... Há uma organização do trabalho!...</p>	
<p>SF1 – Somos nós que tratamos do jardim.</p>	
<p>EU – Sim, mas é assim, a senhora apetece-lhe agora ir para o jardim, vai? Tem que conversar...</p>	
<p>SF3 – Sim, por exemplo, o bar está a servir, tem que estar cá gente. Não pode ir comigo. O ginásio, terminam as aulas e eu posso vir cá para fora. Eu digo sempre à SF1 se é preciso alguma coisa da minha parte e ela diz “hoje não, agora não”, então “olhe eu vou para tal parte, se andarem à minha procura eu estou em tal parte”. Porque não tenho colegas disponíveis para ir, sou eu e uma colega do ginásio. Os outros têm exames, nos blocos, outros têm o bar, outros têm a papelaria, que é o</p>	CG

<p>caso da D. SF2, que não pode abandonar isto. E eu como estou livre é esse o motivo pelo qual eu vou, mas nunca vou sem falar com a chefe. Além dela ser mais nova do que eu, respeito o lugar dela, e ela sabe isso perfeitamente.</p> <p>EU – Então, não é só a idade que conta... Olhe, D. SF3, então mas acha que valorizam o seu trabalho e o facto se ser assim tão empenhada...</p> <p>SF3 – Penso que sim.</p> <p>EU – A senhora sente que é reconhecida...</p> <p>SF3 – Penso que sim. “Penso que sim” não, sei que sim, que é verdade.</p> <p>EU – E quando eu pergunto “por quem é reconhecida?” em quem é que a senhora pensa?</p> <p>SF3 – Talvez no chefe de pessoal e nos Conselhos Executivos.</p> <p>EU – Em relação aos outros nomes...</p> <p>SF3 – Professores, em com os de Educação Física estou bem com eles todos.</p> <p>EU – E acha que eles reconhecem...</p> <p>SF3 – Reconhecem muito e ajudam muito no que for possível. São impecáveis, todos.</p> <p>EU – E os meninos?</p> <p>SF3 – Os meninos para mim, do sétimo ao décimo segundo, são todos uns amores. Há um ou outro que também dá para dar um ralhete! Mas eu dou!</p> <p>EU – Ia para conversar disso daqui a bocadinho, até porque a gente conversa um bocadinho mais insubordinadamente disso. Pronto, esta questão da valorização já vimos aqui que não é o ideal, mas já agora eu volto à SF2, só mais um bocadinho. Em que aspectos é que acha que a voz dos funcionários devia ser mais levada em conta? Em que aspectos é que vocês, é que a vossa opinião podia ajudar?</p> <p>SF2 – Nós temos um representante no Conselho Pedagógico...</p> <p>EU – E têm no Conselho Geral...</p> <p>SF2 – Também temos representantes. Eu acho que como temos ali um representante devíamos ter, pelo menos, uma reunião (de mês a mês ou de dois em dois meses, uma coisa assim) para expor os nossos casos, para expor os nossos problemas, para serem apresentados no Pedagógico. E nunca foi feito... Mas nunca ninguém perguntou no Pedagógico se a gente o queria fazer!</p> <p>EU – Mas vocês se calhar podem dizer que querem fazer! Que têm toda a legitimidade...</p> <p>SF2 – E é essas coisas, muitas coisas, pode acontecer, que não são expostas e que a gente nem sabe se são resolvidas ou não...</p> <p>EU – As pessoas que estão nesses órgãos dão a sua opinião mas é a deles!</p>	<p>CG</p> <p>CG</p> <p>CG</p> <p>CG</p> <p>CG</p> <p>CE</p> <p>CP</p> <p>CP</p> <p>CP</p> <p>CP</p> <p>CP</p>
--	---

<p>SF2 – A deles! Não sabem se é o geral ou não.</p> <p>EU – Exactamente, tinha todo o sentido que reunissem...</p> <p>SF2 – Havia de ser pelo menos “Olhe hoje há uma reunião, 5 minutos, se alguém tiver alguma coisa para expor nessa reunião”, “Há algum assunto para resolver no Pedagógico? Vai haver Pedagógico no tal dia”, “Há algum assunto? Não há? Então pronto, <i>xau</i>, até amanhã se Deus quiser”. Pronto, assim, eu estou a falar da prática.</p>	CP
<p>EU – Não seria nada complicado.</p> <p>SF2 – Complicado, nada. Ou então resolvam o assunto “olha há um problema no Pedagógico que se apresentou com os funcionários, vamos reunir se faz favor para eu expor o que se passou no Pedagógico e vamos resolver a situação em conjunto”.</p> <p>EU – Agora eu digo assim “um assunto com os funcionários” mas os funcionários que estão no Pedagógico estão no Conselho Pedagógico, que tem a ver com pedagogia e com a forma de lidar com os meninos. Portanto, não é só os interesses dos funcionários, é o interesse dos alunos e da escola. A sua opinião também é importante nesse aspecto, não é? Não é só em termos profissionais, da sua classe...</p>	CP
<p>SF2 – Não, eu estou a falar... O geral! Se calhar até tenho um problema e “olha passa-se isto assim assim com a sala de convívio, ora vê lá se consegues lá resolver a situação com a sala de convívio porque é aquilo que eu estou aqui... Ou a D. SF3 “olha passa-se isto assim assim no pavilhão vê lá se resolves a minha situação que está lá o grupo todo... Vê lá se resolves a situação” ou expõe e talvez fique em acta e se consiga resolver ou se não resolvemos temos alguma resposta. Pronto é nesse aspecto que acho que podíamos ser mais ouvidos.</p>	CP
<p>EU – E se calhar por aí até chegavam à tal união maior...</p> <p>SF2 – Se calhar andávamos mais unidos e se calhar resolvíamos mais...</p> <p>EU – E se calhar sentiam-se mais um colectivo. Não pessoas individuais mas um colectivo.</p>	CP
<p>SF2 – É capaz de ser.</p> <p>EU – Bom, então... Mas vejam lá se querem dizer mais sobre isto. Aspectos que vocês acham que deviam ser mais ouvidos, que é a pergunta que eu lancei à SF2, mas que é evidente que para vocês é a mesma. SF1, está ali naquelas funções, às vezes não há assuntos onde ache que se pudesse falar que ajudaria a resolver problemas ou a tornar melhor alguma situação?</p>	CG
<p>SF1 – Quando acontece alguma coisa em relação ao serviço e que eu não sei como resolver, vou falar com o Presidente e ele normalmente diz-me “faça assim ou faça assado”, pronto, costumo resolver mais ou menos as coisas quando preciso.</p> <p>EU – Ok! Então e se eu vos perguntasse assim (eu já sei que vocês gostam de estar aqui) mas agora faço-vos a pergunta de uma outra maneira, vocês gostam de estar aqui pois claro, já é um laço afectivo, porque já foram são muitos anos, é a vossa segunda casa mas se vos perguntassem assim (tentem ser imparciais e pensar qualidades desta escola): que qualidades é que esta escola tem em relação a tudo o que vocês sabem que deve ser uma escola e defeitos também (normalmente</p>	CG

quando a gente fala de qualidades os defeitos vêm atrás). A conversa agora era à volta disto, que qualidades é que vocês acham que a escola tem, que qualidades é que não tem, em termos de crítica objectiva de quem sabe e está nesta escola há tanto tempo.	
SF1 – Eu acho que uma qualidade que aqui existe nesta escola em relação aos alunos, auxiliares e professores é que os alunos são tratados quase como criancinhas pequeninas, os crescidos andam atrás deles, vão buscá-los aqui ao bar, vão buscá-los aqui para ir para a sala mas não sei se nos outros lados acontece...	CQ
EU – Vão buscá-los?! Quem vai? Vocês?	CQ
SF1 – Somos nós, somos nós.	
EU – Vocês e os professores.	CQ
SF1 – Sim. Noutro lado se calhar “não queres vir à aula não vais”, acho eu, mas aqui nós só para eles não terem falta, para irem às aulas, vamos ver onde é que eles estão, vamos levá-los à sala...	CQ
SF2 – Acho que tratamos os miúdos como se fossem nossos filhos.	
SF1 – Claro, como nossos filhos, quase como nossos filhos.	CQ
EU – D. SF3? Também já deu a entender que assim é.	
SF3 – Muito humanos todos.	
EU – Olhem, e com os pais? Vocês também são assim, ou seja, também conhecem os pais de muitos, eles vêm ter convosco...	
SF3 – Eu conheço muitos mesmo, eu conheço mesmo muitos... Mas não aos conhecidos eu faço mais do que faço aos outros. A todos é igual. Aos alunos, faço a todos por igual. Eu sei porque muita gente me conhece, que eu sou de idade e sou conhecida por muita gente felizmente, e conheço pais, avós e isso tudo e eles têm muito... Não sei explicar... Aqui somos todos iguais. Tive aqui duas sobrinhas que eram tratadas como outro aluno qualquer. Eu aí não faço distinções. Se eu tenho que ralar com um tanto faz ser filho de um meu amigo como ser filho de uma pessoa que eu não conheça de lado nenhum. E tento ajudá-los da melhor maneira possível, pelo menos tento... Eu tenho conhecimento de meninos que acho que realmente o tempo melhor que eles passam deve ser na nossa escola.	CQ
EU – Está a falar de problemas sociais, não é?	
SF3 – Sim.	CC
SF2 – Aqui é uma escola muito pobre. Tem muitos miúdos pobres.	
SF3 – Muito!	
SF2 – Aqui a zona é muito pobre. Pensam que aqui tem os bairros, mas não, aqui é uma zona muito pobre, o que cai aqui são miúdos pobres, que não têm capacidade de fazer vida, de... E depois são miúdos e a gente agarra-se muito a eles.	CC CC

<p>SF3 – Por exemplo, esta escola sempre teve má fama por causa do Ingote. Não tem nada a ver, nada nada, nada. Tivemos ciganos mas que eram pessoas como nós.</p>	
<p>SF1 – Ciganos mesmo ciganos</p>	CQ
<p>SF3 – O André, por exemplo, era mesmo cigano, e era um menino... Agora há muito tempo que já não o vejo porque ele casou mas ele, onde nós estivermos, ele cumprimenta-nos faz-nos uma festa. É de uma educação extrema. Há miúdos que são rebeldes, e é verdade, mas é a esses que a gente tem de deitar a mão e tentar ajudá-los.</p>	
<p>EU – Então vamos por aí. SF1... Ia dizer alguma coisa?</p>	
<p>SF1 – Eu já me perdi...</p>	
<p>EU – Nós estamos aqui à volta das qualidades da escola. A senhora deu o pontapé de saída, porque falou que isto era uma família e que os meninos eram tratados muito individualmente. As outras colegas, portanto, continuaram a conversa por aí... Não sei se entretanto se lembrou de mais alguma coisa que seja também uma qualidade da escola.</p>	
<p>SF1 – Eu ia dizer que tanto isso é bom como acaba às vezes por ser mau, porque eles são tão protegidos que às vezes fazem asneiras que pensam que podem fazer, porque são protegidos, são tão protegidos na mesma. Não sei se estou a fazer-me bem entender.</p>	CC
<p>EU – Muito bem, eu estou a perceber muito bem.</p>	
<p>SF1 – Mas não sei como resolver, isso não sei muito bem. Mas ao mesmo tempo acho que eles são... Como são tão apapicados, que é mesmo assim, que ao mesmo tempo acham que nós somos os pais e as mães, como eles, e que podem fazer o que quiserem. Se calhar, acho eu, não sei se é bem isto que quero explicar...</p>	CC
<p>EU – Vocês sentem isso às vezes, que eles abusam um pouquinho dessa confiança...</p>	
<p>SF3 – Em questão dos nossos superiores se calhar até tem a ver, porque deviam sim senhor acarinhá-los e devem ser, porque são crianças e são eles que nos andam a pagar – se não existissem os alunos não existíamos nós. E eu acho que sim...</p>	CC/ PR
<p>EU – E é para eles o mundo, afinal...</p>	
<p>SF3 – Mas deviam sentir mais na pele certas coisitas que fazem. Eles têm mais medo, que eu castigo-os e eles de mim também fogem. Mas vêm-me beijar, por algum motivo é. Porque se eles precisarem de uma boa palavra ou de uma peça de roupa para vestir, eu também lha dou para eles vestirem para não terem falta, e lavo-a eu à minha custa. Também têm que entender que eu sou funcionária e que eu tenho que cumprir com as minhas ordens. E eles obedecem.</p>	CC/ CE
<p>EU – De uma forma geral eles respeitam não é?</p>	
<p>SF3 – Sim, é.</p>	CC
<p>SF1 – As vezes experimentam. Metem a mãozita para ver como é que é. “Ah, não, esta não dá para dar”.</p>	

<p>EU – Mas as questões da indisciplina são assim alguma coisa que caracterize esta escola? Que se note muito... Da indisciplina, da violência...</p>	<p>CQ</p>
<p>SF1 – Violência não há.</p>	<p>CQ</p>
<p>SF2 – Violência não. Indisciplinados.</p>	
<p>EU – D. SF3...</p>	
<p>SF3 – Não.</p>	
<p>EU – Vamos fazer a distinção entre uma coisa e outra, que às vezes é difícil.</p>	<p>CC</p>
<p>SF2 – Eu para mim a violência é mesmo violentos. Tanto verbalmente, como agir mal, ou porrada, com a professora ou com a funcionária ou com o colega, pronto. Isso aí é esporádico. Uma vez por ano temos um caso desses. Agora indisciplina... Há muita indisciplina. Porque eles gostam de se mostrar, que “ah sou rebelde, eu sei fazer isto, eu sei fazer aquilo, eu consigo!”. Eu, para mim, acho que é assim, as duas vertentes. O mau aqui, mesmo mau mau, acho que não. Estou aqui há quinze anos, nunca... Ofereceram-me uma vez porrada...</p>	
<p>EU – Alunos?</p>	
<p>SF2 – Alunos. Mas não levei.</p>	
<p>SF3 – Também já me empurraram...</p>	
<p>SF2 – Isto quando tínhamos mil e setecentos alunos.</p>	
<p>SF3 – Seiscentos.</p>	<p>CC</p>
<p>SF2 – Seiscentos. Estava no bloco SF2 e era um miúdo rebelde como tudo mas... Pronto e hoje passo por ele e já nem o conheço nem ele me conhece a mim. E pronto, aquilo passou porque foi posto na rua e eu é que fui buscá-lo, lá dentro da sala. Mas isso é giro porque depois temos alguma coisa para contar!</p>	
<p>EU – Vocês têm instruções em relação à forma de actuar com esses miúdos?</p>	<p>CG</p>
<p>SF1 – Temos acções de formação.</p>	
<p>EU – Têm acções de formação?</p>	<p>CG</p>
<p>SF1 – Sim.</p>	
<p>EU – Então e instruções do Conselho Executivo ou de alguém que vos diz como é que é devem fazer... Essa questão de os acarinhar muito...</p>	
<p>SF1 – Isso parte de cada um de nós. Todas temos filhos, acho que nenhuma de nós pensa como “ah está ali aquele e ele que se desenrasque”. Pronto acho que tentamos... Como nós gostávamos que fizessem aos nossos.</p>	<p>CG</p>
<p>EU – Pois e agora eu ia pegar isso. Porque tem-se a ideia de que isto para se ser um bom auxiliar basta que se seja uma boa mãe ou um bom pai. Bom, mas há auxiliares que não têm filhos e se</p>	

<p>calhar há aí uma diferença qualquer e a questão da formação costuma vir nesse sentido, profissionalizar as pessoas, dar-lhes mais segurança para fazerem o que fazem. Essa questão da formação não é muito difícil? Não tem sido pouca?</p>	CC
<p>SF2 – Pouca. Há uns dez anos atrás tínhamos muita formação.</p>	
<p>EU – Vocês já tiveram formação neste âmbito de saber lidar com os miúdos?...</p>	
<p>SF3 – Eu não.</p>	CC
<p>EU – A D. SF3 nunca chegou a ter ...</p>	
<p>SF3 – Eu não tive, só que eu digo uma coisa: eu vejo muita gente que vai tirar as formações que não desempenham um serviço tão bem como aquelas que às vezes não vão.</p>	CC
<p>EU – Não muda assim tanto isso, não é? Pode-se saber mas depois não se aplica, não é?</p>	
<p>SF3 – É isso.</p>	
<p>SF1 – Na prática é diferente do que na teórica.</p>	
<p>EU – Mas não deixa de ser importante porque a SF2 foi logo buscar...</p>	
<p>SF3 – Sim, sim!</p>	
<p>SF1 – Tira-se dúvidas!</p>	
<p>SF2 – Tira-se dúvidas e é assim “eh pa se eu estivesse naquela ocasião feito aquilo que agora estou aqui a aprender, se calhar tinha resolvido a situação de outra maneira ou então vice-versa “epá estás a dizer uma coisa mas afinal já a fiz”. São situações, pronto. O prático do dia-a-dia é que nos vai fazer calo...</p>	CC
<p>EU – E agora estou eu aqui a pensar uma coisa, neste momento mesmo. Pegando naquela questão de há bocadinho, dos funcionários se juntarem para analisar problemas e o representante representar. E agora pensei assim : será que se vocês fizessem também reuniões como os professores para explorar esses casos complicados, o ouvir a opinião do outro (claro que a gente pode fazer isto informalmente: a SF2 pode chegar ao pé da SF1 e pôr o problema “o que é que tu fazias ). Mas se calhar se fizessem disso um hábito, de conversarem sobre os casos, aprendia-se se calhar mais do que na teoria das tais formações que depois...</p>	CC
<p>SF2 – Aí já vou pegar no assunto que a D. SF3 falou há bocado: o convívio das pessoas. Porque quando havia o tal convívio e as tais coisas, falava-se nesses assuntos, falava-se “epá hoje aconteceu-me isto assim assim”, embora... Já não há esse convívio, já não se fala tanto nesses assuntos.</p>	RSI
<p>SF3 – E éramos ajudados pelo Toni.</p>	
<p>EU – Quem era o Toni?</p>	
<p>SF3 – Era o representante do pessoal.</p>	RSI

<p>EU – Já não é agora...</p> <p>SF3 – Não, está no Ministério da Justiça. Era um bom funcionário.</p> <p>EU – Fazia bem essa função de representante?</p> <p>SF3 – Fazia. Comigo e com os outros...</p> <p>EU – Então, estamos aqui a volta da indisciplina e eu pergunto-vos por isto porque das conversas com... Com os alunos nem tanto, mas com os professores, essa é uma das questões que vem cá acima, não é? Com os professores, sobretudo com os directores de turma acham que perdem muitas energias nesta escola a tratar desses assuntos. Indisciplina, dos problemas sociais, do facto dos pais estarem um bocadinho ausentes (para não dizer muito)... Vocês também acham isso em relação aos pais?</p> <p>SF1 – Participam pouco. Eles só vêm cá se forem chamados e quando são chamados às vezes não vêm mesmo assim.</p> <p>EU – Alguns... Mas também há outros que são muito assíduos, não?</p> <p>SF1 – Há, há, também há.</p> <p>EU – Pois, é que eu também fiquei com essa impressão.</p> <p>SF3 – Há, conheço muitos assim.</p> <p>EU – Os pais acham que aqui se vem muito facilmente e que conhecem os funcionários e que isso é uma vantagem também. E vocês também acham que é verdade...</p> <p>SF3 – É, é, é verdade.</p> <p>SF1 – É verdade.</p> <p>SF3 – É verdade sim senhora.</p> <p>EU – Se calhar sobretudo quem está mais lá na frente. A D. SF3 aqui no pavilhão se calhar não tem tanta...</p> <p>SF3 – Sabe que eu no pavilhão tenho outro convívio muitas das vezes que outros colegas não têm pelo motivo em que eu estou sempre com eles. Eu vou ao balneário, enquanto eles se estão a vestir e a despir, isto no caso do feminino. Se tenho de intervir no masculino eu também vou, não tenho problema nenhum. Com educação eu peço-lhes para entrar, para eles se vestirem ou embrulharem uma toalha ou se vestirem pronto e eu entro e vou. Agora, eu, por exemplo, às vezes vejo uma mais tristita e digo-lhe “O que é que tu tens? Anda lá conta-me” e “Foi a minha mãe que se separou do meu pai” e “Foi a minha avó que me fez isto” e isto e aquilo...</p> <p>EU – Ai é? Tem essas conversas com eles?</p> <p>SF2 – Eles conversam mais com a gente do que com os directores de turma...</p> <p>SF3 – É, é.</p>	<p>CC</p> <p>CQ</p> <p>CQ</p> <p>CE</p> <p>CE</p>
--	---



<p>EU – Também têm essa experiência com os meninos?</p> <p>SF2 – Eles contam-me muita coisa. Há miúdos aí que contam a vida amorosa se calhar à gente e não aos pais. “Olha namoro com fulano assim assim, tu achas bem? Tu achas mal?”</p>	CE
<p>EU – E vocês sentem-se capazes de dar conselhos, sentem?</p> <p>SF3 – Eu sinto-me capaz, falo por mim.</p> <p>SF2 – Sim, se eles vêm ter com a gente é porque se sentem à vontade e sentem necessidade ou sentem que nós somos aquela pessoa indicada para dar o apoio que eles querem... E isso é bom.</p> <p>SF1 – Sentem-se à vontade...</p>	CE
<p>SF3 – Eu descobri um caso entre quatro alunas em que uma deixou de comer, os pais não sabiam o que é que ela andava a fazer, viam-na a ficar magra, ela dizia que era gorda, eu dizia que a via triste e que a via a ficar muito magrita e ela dizia-me que não, que era próprio dela, que não sei quê e que era do estudo e eu perguntava às colegas e elas diziam “D. SF3 eu não digo, fale com a Elsa, fale com a Elsa”. Eu fui falar com a directora de turma, “D. SF3 não consigo arrancar-lhe uma palavra, não sei o que é que ela anda a fazer também. É tão boa aluna, anda a deixar cair as notas” e eu disse-lhe um dia “É hoje que tu tens de vir aqui para o pé de mim”. Vim para a sala da caldeira, que é onde eu costumo almoçar, e então falei com ela: “tu não és obrigada a falar comigo, tu dizes se queres, se não queres não dizes, mas eu vou ser tua amiga, estou a ser, e quero que tu me digas o que se passa contigo. “D. SF3 eu acho-me muito gorda e deixei de comer, agora só estou a comer a fruta”. Já nem comia a sopa, vinha aqui, fazia o tabuleiro mas não comia nada. Primeiro deixou de comer o segundo, depois deixou de comer a sopa...</p>	CE
<p>EU – Que hoje é muito vulgar nas meninas, não é?</p> <p>SF3 – Andei-lhe a dar maçãs...</p>	CE
<p>EU – Vulgar e grave!</p> <p>SF3 – Maçãs aos quartos! Porque ela vomitava. Ela ia lá nos intervalos comer um bocado de maçã ao pé de mim.</p>	CE
<p>EU – Mas entretanto informou a mãe, não?</p> <p>SF3 – A directora de turma chamou a mãe, que era muito grave. Ainda hoje são minhas amigas, estão a terminar o curso...</p>	CE
<p>EU – As meninas?</p> <p>SF3 – As meninas. E eu tirei-a do problema em que ela estava a entrar. A Dr.ª Rosário Figueiredo, que era a directora de turma nessa altura, ajudava-nos bastante e vinha aqui ao refeitório depois quando ela começou a comer, controlá-la. E ela recebia isso tudo.</p>	CE
<p>SF1 – Ainda antes de acabar as aulas, um mês antes talvez, apareceu ao pé de mim no Bloco A um menino de cor a dizer que estava muito mal disposto. E eu: “Mas o que é que tu tens? O que é que tu sentes?”, “Ai estou cheio de dores de cabeça”, “Então tens dores de cabeça porquê? Estiveste ao sol?”, “ Ah não”, “Então o que é que tu comeste hoje?” e eram quase horas de almoço. “Oh, não</p>	CE

<p>comi nada”, “Então não comeste nada porquê?” e ele disse-me que... “oh quando eu saí de casa não tinha fome”. Coitadinho eu pensei, como são horas... como está cheio de dores de cabeça isto é fome, dores de cabeça e assim mal disposto é fome. “Queres comer alguma coisa?” disse eu assim para ele, “já tens fome agora não tens?”, para ver o que é que ele me dizia. “Ah agora se calhar já comia”, então fui-lhe dar um copo de leite e arranjei-lhe um pãozito. “Senta-te aqui ao pé de mim, come aqui” e lá estive. Depois perguntei-lhe a turma, disse para ele não ficar assim...</p>	CE
<p>EU – Depois de tentar saber...</p>	CE
<p>SF1 – Depois fui dizer no Conselho Executivo o que é que se passava. Aquele menino com certeza vinha para aqui e não comia. Eu dei essa informação para ele ter SASE para lhe darem de manhã o pequeno almoço.</p>	
<p>EU – E isso resolveu-se assim?</p>	
<p>SF1 – Isso agora, pelo menos agora parece-me que anda... Ele anda aí todo satisfeito. Agora já não, porque acabou, não é? Pronto e agora de vez em quando ele passa por mim e olha para mim para ver o que é que eu lhe digo e eu “Então estás bom?” “Ah estou bom, estou bom!”. Pronto, às vezes há coisitas assim.</p>	CE
<p>SF3 – Aquela menina também de cor. A miúda também dizia “ai D. SF3 eu estou cheinha de fome”. “Cheinha de fome? Então tu não foste almoçar? Não tens direito a ir ao almoço à cozinha?”, “Tenho D. SF3 mas dão-me pouca quantidade”, “Oh filha pedes mais”, “Eu pedi mas não me dão”. É isso que eles se queixam, está a perceber? Não aquilo que eu vejo, atenção, eu falo pela boca dos outros. Quando eu falo pela minha, é uma coisa. Eu falo pela boca dos miúdos. E ela disse-me isso e eu vim aqui ter com a D. SF2 e a D. SF2 é que ficou então encarregue de resolver logo a situação e a menina vem cá, chega cá todos os dias e bebe um copinho de leite. Fiz um saquinho de roupa, pedi ao director lá das instalações do ginásio, se eu podia fazer ali o saquito, porque eu tenho lá muita roupa nos cacifos...</p>	CE
<p>EU – Que eles deixam...</p>	
<p>SF3 – Que eu empresto aos alunos mas quando ela é muita e vejo que eles têm necessidade dou sapatilhas e ... sempre com ordem de quem lá está dentro, com o director, e ele acabou por me trazer roupa também, para lhe dar a eles, e fiz-lhe um saquito ali ... Foram todos contentes e pronto. E vêm aqui todos os dias comer o pãozito e dizem “Oh D. SF3 já como um pãozinho em minha casa” e eu vou assim “Então porquê?”, “Já me estão a dar, uma torrada e um copo de leite”.</p>	CE
<p>EU – Portanto vocês nesse aspecto fazem toda a diferença. Em termos de... Se considerarmos que a qualidade de uma escola é também ser humana e ajudar nesse aspecto, vocês ajudam muito...</p>	CE
<p>SF1 – Eu não noto que esteja a fazer nada demais, eu acho que faço aquilo que devo fazer! Acho que não faço nada de especial, acho eu, mas...</p>	
<p>SF3 – É o nosso dever.</p>	CE
<p>EU – Sim, mas ajuda, quer dizer, se não fossem vocês esse aspecto falhava!</p>	
<p>SF2 – Claro, aí está a diferença da nossa escola, da nossa escolinha como a gente diz. Porque a</p>	CE

nossa escolinha tem poucos alunos e a gente conhece-os todos.	CC
EU – Pois é. Mas o ter poucos alunos também tem desvantagens.	
SF2 – Tem, tem...	
EU – Por exemplo...	
SF1 – O nosso emprego, também claro que nós queremos ter o nosso emprego. Se tiver poucos alunos... Nós não queremos sair daqui. Não queremos ir embora.	
EU – Claro. Portanto também quando estão a trabalhar para a boa imagem da escola também estão a trabalhar para o vosso interesse.	
SF1 – Para nós, para nós também.	
EU – Bom, mas há outras coisas que fazem a qualidade da escola... Vocês só me falaram dessa que se calhar é mesmo a mais importante mas...	CQ
SF2 – Temos bons professores, os professores dão apoios a qualquer hora e a qualquer minuto aos alunos...	
SF1 – Eles só não vão para as salas de estudo porque não querem!	CQ
SF2 – Têm tudo... Eles vão buscá-los aí para ir trabalhar com eles à vontade. Agora na altura dos exames têm as salas de estudo cheias de professores para dar apoio a qualquer aluno que queira vir fazer uma revisão ou uma coisa assim.	CQ
EU – Funciona como uma explicação...	
SF2 – Uma explicação sem pagar! Temos boas instalações, temos uma boa biblioteca, não há biblioteca que tenha tanta coisa como a nossa...	CQ
EU – Em termos de gestão dessa parte dos recursos, também é um aspecto em que os funcionários são importantes - o saber manter limpo, arranjado, bonito - normalmente vocês é que também são a chave disto tudo. Se os funcionários são desleixados e desinteressados, normalmente isso vê-se logo, não é?	CE
SF1 – Cada um zela mais ou menos pelo seu espaço... Cada um está no espaço onde está e faz por estar mais cuidado...	
EU – Mas não fazem disso uma concorrência, ou fazem?	
SF1 – Ah, não, eu acho que não...	CE
EU – Eu falei nisto de concorrência... Estava a imaginar ali a D. SF2 a tentar pôr mais flores do que a D. SF3 ou a D. SF3 a pôr mais flores do que...	
SF2 – Não, não conseguimos! Mais do que a D. SF3 não conseguimos, não conseguimos!...	
EU – Estava agora a brincar um bocadinho mas vocês sabem que esse é um dos espíritos hoje e às vezes isso estraga muito as relações entre as pessoas também. Mas não é nada disso que aqui falta.	

<p>Então bom, a última pergunta: o que é que vocês fariam... imaginem que vocês agora... Que o Sr. Director vos chamava para assessoras. Vamos imaginar, vamos supor isto, que vocês eram chamadas para assessoras, que medidas é que vocês implementariam que acham que resultaria numa valorização da escola? Dificil esta...</p> <p>SF2 – Posso-lhe responder amanhã?</p> <p>EU – Eu comecei por uma fácil mas agora faço-vos uma difícil.</p> <p>SF1 – Não sei, não sei, é complicada essa resposta.</p> <p>SF2 – É muita coisa que a gente pudesse mudar ou...</p> <p>SF1 – Podia-se até mudar para pior...</p> <p>SF2 – Ou então mudar e dizer assim...</p> <p>EU – Podia resultar mal mas na vossa opinião quando mudam não mudam para pior, não é? É aí que eu estou, é essa a pergunta que eu faço. Mesmo sem garantia de que a coisa resultasse, ideias que vocês tivessem na cabeça e que achassem que podiam experimentar.</p> <p>SF1 – É difícil, é difícil, às vezes uma pessoa sabe isso (e se calhar não devia de ser assim), mas arranjar uma maneira melhor de o fazer é difícil.</p> <p>EU – Pois, pois! Exactamente por isso é que tomar decisões é tão complicado. Mas a D. SF3 acho que está ali a ver qualquer coisa... Não está?</p> <p>SF3 – Oh Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> eu já aqui passei por tanta coisa, tanta coisa que eu também não sei. Sinceramente, olhe, no princípio que eu para aqui vim não havia produtos para fazer a limpeza.</p> <p>EU – Não havia dinheiro para os comprar...</p> <p>SF3 – Não havia dinheiro, não havia dinheiro, não sabiam fazer limpezas como nós gostamos. Eu tinha uma chefe de cozinha que até as grelhas do chão tinham de ser limpinhas ali todas. Tudo. Uma das senhoras que lá trabalhava era um bocadito complicada, não que fosse má, mas era complicada. Tudo o que passasse pela mão dela era tudo a brilhar, a verdade que seja dita. Eu vim aqui fazer um casamento, alugaram isto, e eles disseram “isto não parece uma cozinha de escola, isto é uma cozinha particular”.</p> <p>EU – Estavam à espera que fosse uma coisa mais porca.</p> <p>SF3 – É verdade, estas palavras são todas verdade. Só que é assim, no outro Conselho Executivo que depois passou havia produtos para toda a gente e toda a gente tinha que limpar! Se não o diabo rebentava. Aí é que tinham de trabalhar mesmo e dar ao dedo.</p> <p>EU – E havia quem fosse fazer a vistoria!</p> <p>SF2 – Sim sim.</p> <p>SF3 – Sim. Mas grande homem! Eu digo: grande homem! Ele também trabalhava, também desempenhava a função dele, e acho muito bem, que obrigasse a quem estava também à sombra</p>	<p>CG</p> <p>CC</p> <p>CE</p> <p>CG</p> <p>CG</p>
---	---

<p>da bananeira. Agora temos felizmente, não digo que por vezes também não haja uma coisa que “hoje não temos mas que já vem para a semana”, porque às vezes os produtos é assim, a SF1 está aqui que não me deixa mentir. Às vezes queremos utilizar e não deu, mas na outra semana já temos. Acabamos por fazer, de respeitar os nossos superiores, de eles ficarem satisfeitos connosco, penso eu que é com toda a gente. Comigo nunca tive observações, pelo contrário, falo por mim. E acho que na maioria deve ser isso, por isso ele não anda tanto atrás de nós. No caso da D. SF2 dizer que...</p>	CG
<p>EU – Sim sim, que não andaré porque acha que não precisa.</p>	CG
<p>SF3 – Acho que não precisa. Penso que é isso.</p>	
<p>SF1 – Não precisa de andar a ver o que é que nós andamos a fazer, porque ao fim e ao cabo ele sabe que nós fazemos, acho eu que é isso mesmo.</p>	
<p>EU – O normal é que a gente prefere até fazer sem andarem atrás de nós...</p>	
<p>SF1 – Claro! Claro!</p>	
<p>EU – E claro que também há as outras pessoas que a D. SF3 há bocado já disse...</p>	CG
<p>SF3 – Isso há muitas que algumas vezes vêm da parte do Executivo. Se calhar eles também têm razão para chamar a atenção e têm que dizer que é isto ou é aquilo. Têm todo o direito e também são mandados. E a gente tem que obedecer.</p>	
<p>EU – São eles os responsáveis. Bom, então, temos que ir embora não é?</p>	
<p>SF2 – Aquela senhora sai às cinco horas, sou eu que costume levá-la...</p>	
<p>EU – Então vejam lá se querem dizer mais alguma coisa importante, que achem que me ajude a perceber isto da escola e da diferença desta escola... Ah! Falta uma pergunta! Portanto, o estudo é à volta da auto-avaliação da escola. Vocês sabem que há um grupo de pessoas que trata da auto-avaliação. Vocês responderam também a inquéritos... Portanto eu há bocado comecei com a vossa voz e depois passou-me isto. Vocês responderam a uns inquéritos, não foi?</p>	II
<p>SF3 – Sim sim.</p>	II
<p>EU - Sim? E depois souberam o resultado desses inquéritos? O resultado do estudo dos dados...</p>	
<p>SF3 – Eu não.</p>	
<p>EU – Não? Não fizeram nenhuma reunião, onde explicassem o que é que aquilo deu, o que é que os funcionários pensam, o que é que os professores pensam...?</p>	II
<p>SF1 – Não não isso não, mas na sala dos professores é que lá estava isso...</p>	II
<p>EU – Mas lá está, no Pedagógico... Quem lá esteve ou quem lá está...</p>	CE
<p>SF3 – Isto é assim, para ensinar não é preciso ser professor, porque eu quando mudei da cozinha, pela segunda vez, para o Bloco SF2 (a primeira vez fui para o Bloco B, a segunda vez fui para o Bloco SF2 – mas no Bloco B estive pouquinho tempo, estive pouquinho tempo que eu vim logo depois) e</p>	

<p>no Bloco SF2 estavam duas funcionárias, uma estava com miúdos deficientes, não era funcionária da escola mas estava... era a D. O., eles pagavam-lhe um x para estar com eles...</p>	CE
<p>SF1 – Era mãe de uma aluna, de uma que andava em cadeira de rodas e então acho que a assistência social pagava-lhe para ela estar a tomar conta da própria filha.</p>	
<p>SF3 – Então os professores subiam pelas escadas acima, nós juntas à secretária e era este modo: seguiam, “vou para a sala tal, abram-me a porta se quiserem”. E eu assim: “Então mas eles não dizem aqui bom dia nem boa tarde?”. E ela dizia: “ah aqui não, são todos imperiais, isto aqui são professores, você não pense que está na cozinha”; “Ai é? Então vamos lá ver como é que é!”. A partir do dia comecei “Bom dia Sr.ª Dr.ª”, “Olá Sr. Dr. bom dia, como está?” e foi assim, tiro e queda, nunca mais deixaram de me dizer adeus.</p>	CE
<p>EU – Pois claro, as funções fazem-se dos dois lados.</p>	
<p>SF3 – Eu acho que se as professoras nos pedem ajuda, elas também têm que nos ajudar a nós. E o respeito vem sempre do mais velho. Acho que não custa nada... Há lá professores mais velhos do que eu. Ainda há dias passou o Presidente, eu estava na portaria de serviço, ele passou, escada acima, e eu assim “Olá Sr. Dr.! Bom dia!” “Epá, desculpe lá D. SF3 que eu ia mesmo com outro pensamento”. Porque é que eu ia dizer “o Sr. Presidente veio lá e nem adeus me disse”, para quê? Assim eu disse-lhe a ele e ele sabe.</p>	CE
<p>EU – Pois, nestas coisas a gente também tem que dar um desconto, uma margem...</p>	CQ
<p>SF3 – Os miúdos passam por mim “adeus D. SF3, bom dia, até amanhã se Deus quiser, bom fim de semana D. SF3”, então e nós não ficamos satisfeitos?</p>	
<p>EU – Pronto, então mas isso dos inquéritos já percebi que não souberam, mas acharam boa ideia, é isso ou não?</p>	II
<p>SF3 – Boa ideia de não nos dizerem nada, não!</p>	
<p>EU – Boa ideia o haver na escola alguém que tenta saber o que é a escola pensa de si própria, o que é que está bem e o que é que está mal.</p>	II
<p>SF3 – Isso é bom, isso é bom.</p>	
<p>SF2 – Havia de ter sido feito assim...</p>	II
<p>EU – Mais vezes?</p>	
<p>SF2 – Mais vezes. E assim anónimo as pessoas respondem melhor do que se for assinado.</p>	
<p>EU – É?</p>	II
<p>Todas – É.</p>	
<p>EU – Muito bem, muito bem, muito obrigada, não vos roubo mais tempo. Gostei muito desta conversa, embora pudesse continuar...</p>	